

“Invente uma história”: reflexões sobre uma prática de textualização

A. F. da C. Araújo, M. do S. F. dos Santos, E. Calil – UFAL

PUBLICAÇÃO EDIPUCRS

- CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Carlos Santos: uma biografia**. Em co-edição IEL. 1994, 126p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS/BRASIL
FONE/FAX: (051) 320.35.23
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>
E-mail edipucrs@music.pucrs.br

1 Introdução

Este estudo se configura como uma análise inicial sobre dados de aquisição de linguagem escrita, em que crianças deveriam “inventar” uma história. Colocando em suspenso a naturalidade da relação sujeito/linguagem que parece ser suposta pela escola, neste tipo de prática de textualização, pretendemos discutir os movimentos do sujeito no texto, no sentido de repensar o que significa “inventar” ou, o que isto poderia estar apagando do movimento do sujeito-efeito de linguagem. Para tanto, tomamos como referencial teórico o que vem sendo formulado por Lemos (1992; 1995; 1997) sobre o funcionamento lingüístico-discursivo no processo de aquisição de linguagem, assim como, as noções de “auto-ria” e “prática de textualização” presentes em Calil (1995 e 1997).

Nesta perspectiva, selecionamos do banco de dados do Núcleo de Pesquisa em Aquisição de Linguagem (NPALi) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) um conjunto de cinco “fábulas inventadas” escritas por alunos da 2ª série do 1º grau de uma escola particular de São Paulo. Estas fábulas foram produzidas a partir da discussão, em classe, de vários provérbios tais como: “Cada macaco no seu galho”; “Quem tudo quer nada tem”; “Quem espera sempre alcança”; “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”; “Quem é careca caça cabelo”; entre outros. Cada criança, antes de iniciar a escrita de sua fábula, escolheu um provérbio

para, a partir deste, inventar a sua história. Como era comum nesta prática de textualização, concluída a primeira versão dos textos, a professora intervinha sobre cada um, propondo sugestões, por escrito, a partir das quais o aluno deveria modificar seu texto.

De todo este material, iremos analisar, aqui, apenas a história escrita por Iuri (8 anos) que tem como referência o provérbio "Quem é careca caça cabelo". Nesta história é narrada a curiosa aventura de um homem que procura seu cabelo que havia fugido.

2

A criança e o texto

O texto escrito por Iuri, é interessante observar, traz muitas rasuras e alguns asteriscos numerados que correspondem a acréscimos que ele fez depois de, provavelmente, ter concluído a história e, antes da intervenção escrita pela professora. Salientamos que estes asteriscos e as diversas rasuras que o texto apresenta estão relacionados a um dos modos pelo qual a professora orienta seus alunos sobre como inserir "informações" no texto, quando não há mais espaço para isto.

Da primeira versão escrita por Iuri, destacamos o seguinte fragmento com o intuito de termos uma idéia do que é o texto que a criança produziu:

FRAGMENTO 1¹

[...]

- (1) - *Acho que preciso cortar, meu cabelo,* ⁵
- (2) - *o Olha ali, tem um cabelereiro e foi no cabelerei-*
- (3) *ro,* ⁶ *quando ele viu* ^{que o seu} *o cabelo dele, estava* ⁷
- (4) *no a cab [x] dele [x] do homem,* ⁸ *Ele ficou tão nervoso*
- (5) *que ele ficou tão π vermelho e agarrou com a*
- (6) *mão dele* ² *que cortou a mão dele,* ^{de} *começou a gri-*
- (7) *tar e o cabelo dele fugiu,* ⁹ *[...]*

¹ A transcrição foi realizada buscando a maior proximidade possível com o texto escrito por Iuri. Neste sentido, os enunciados que aparecem rasurados no original são marcados, aqui, por uma linha como, por exemplo: *no a cab [x] dele [x] do homem*, sendo que, os cochetes tentam marcar as rasuras feitas uma sobre a outra. Além disso, tentamos representar os acréscimos realizados com asterisco com marcações semelhantes as utilizadas por Iuri em seu texto.

² *É o cabelereiro.*

⁵ *-m Mais eu nem tenho cabelo tô com cabelo, π a então e aquele cabelo dinovo, π E ele disse fada-mente ^{de} falou*

⁶ *Chegando lá, e*

⁷ *Pulando na careca do de um homem.*

Analisando este fragmento podemos dizer que os enunciados acrescentados e as rasuras marcam o retorno da criança ao texto. Este retorno já estaria apontando para o que Lemos (1992; 1997) chamou de índices dos movimentos da criança no funcionamento lingüístico-discursivo, ao desenvolver a *noção de posições* relativas a este funcionamento.

Segundo a autora, na primeira dessas posições, a criança tem sua fala circunscrita à fala do outro que, por sua vez, interpreta os enunciados desta, a partir de seu submetimento à língua enquanto Outro. Assim, nesta posição, podemos dizer que a criança não se escuta², ela é escutada e significada pelo outro. Na segunda posição a fala da criança passa a estar submetida ao funcionamento da língua, enquanto instância simbólica, através do jogo metaforonímico, apesar disto não significar uma posição de autonomia perante este funcionamento. Em outras palavras, a criança não ocupa, ainda, um lugar de escuta, pois não é afetada por seu dizer, nem pelo dizer do outro. Este lugar, seria fundado numa terceira posição que tem por característica o fato de que a criança assume uma posição de intérprete de sua própria fala podendo, a partir daí, "estranhar", "escutar" o seu dizer.

Considerando isto, podemos dizer, então, que o retorno de Iuri ao texto estaria apontando para uma "escuta", característica deste modo de inscrição do sujeito na linguagem. Este retorno já mostra que há um efeito de significação na relação sujeito/texto que permite a Iuri "estranhar/escutar", em determinados pontos da cadeia manifesta, o que escreveu, modificando seu próprio texto. Vale salientar que, "a escuta / o estranhamento é sempre efeito do des-

² A noção de escuta aparece em Lemos (1992) como possibilidade do sujeito "ser afetado pelo que foi dito e resignificar este dizer."

³ A noção do "estranho" está presente em M. T. Lemos (1994, p. 104) que ao citar Freud (1919) afirma: "o estranho, como mostrou Freud, não é o novo, nem o desconhecido mas o retorno de algo conhecido que havia sido esquecido [...] ele nos remete à condição de sujeito dividido que somos pela linguagem, ao fazer retornar o jogo combinatório imprevisível da língua materna."

locamento/ressignificação do sujeito, operado pela língua (enquanto Outro)." (Faria, 1997, p. 73). Podemos destacar uma marca de rasuramento no texto de Iuri como um exemplo deste deslocamento.

Na linha 4, há uma rasura sobre o enunciado "no a cab [r]to [ca] do homem" e a inserção do asterisco 7 que diz "Pulando na careca do [de um] homem". Neste curto fragmento há alguns pontos bastante interessantes que merecem um olhar mais cuidadoso.

Em primeiro lugar, encontramos um cruzamento de "cabeça", "cabelo" e "careca" indiciado na escrita de "no a cab [r]to [ca]". A hesitação nesta escrita parece apontar para uma concorrência entre "na cabeça", "na careca" e "no cabelo" marcada pela entrada de "a" sobre o "no" e pela entrada de "r" e "ca" em "cab [r]to [ca]". Esta concorrência, de enunciados latentes, é indiciada pelo jogo entre os significantes, "o", "a", "b", "r", "l", "c", que insistem em se inscrever na cadeia manifesta. Os cortes operados pela rasura indicam tanto uma imprevisibilidade quanto um retorno produzido pelo próprio efeito da linguagem sobre a linguagem. A articulação entre os significantes faz parte do processo metaforonímico constitutivo de todo funcionamento linguístico-discursivo. Neste sentido, não podemos supor uma ação do sujeito sobre o que quer escrever, mas sim, entender que isto já é um efeito de sua inscrição na linguagem. O jogo entre os significantes faz com que se produza esta escrita, mas ao menos tempo, uma escuta que, em diferentes momentos, tenta apagar ou conter sua emergência.

Esta relação tensa também pode ser observada nas diferentes escritas de "procurar" naquilo que ela traz de relação com "preocupar". Ao longo da primeira versão do texto ela aparece como "procurar" e "preocurar", e, em uma segunda versão, como "preucurava", "preocurando" e "procura", sem que, porém, possa ser identificado qualquer marca de rasura, hesitação ou estranhamento nestas escritas. Este cruzamento, a nosso ver, seria um índice de um funcionamento da língua "falando" em Iuri, através dos processos metaforonímicos sem que, no entanto, haja um movimento de escuta ou de retorno sobre o que se está escrevendo. Não há assim uma estabilização do sujeito em uma posição,⁴ impedindo que se suponha aí um lugar de controle e autonomia daquele que "inventa" um texto em relação ao texto inventado. O caráter imprevisível do corte na cadeia e de seus efeitos sobre o sujeito que escreve, apontado acima, estaria dizendo desta impossibilidade.

É neste sentido que Lemos (1997, p. 15) afirma que "não há como eliminar da relação do falante com a sua língua materna, nem a fala do outro e seu efeito, nem o movimento da língua e seu efeito tanto de estabilização quanto de ruptura e estranhamento.". Isto significa dizer que o corte na cadeia, naquilo que tem de imprevisível, impede supor qualquer relação de anterioridade entre sujeito e sentido.

Em relação a isto, como uma segunda observação a ser feita, podemos destacar que na escrita de "Pulando na careca do [de um] homem" há primeiro a escrita de "do homem", depois uma rasura sobre "do" e a entrada de "de um". O "de um" surge como uma "tentativa" de estabilizar uma referência a um personagem que não é conhecido, em oposição ao homem que está procurando o cabelo. Porém, a fragilidade desta contenção de sentido mostra-se ameaçada todo o tempo, pois no texto há uma constante ambigüidade na referência a estes personagens, principalmente, depois que "entra" um outro homem na história. Vale dizer que no texto não há nomeação destes personagens. Há, um "homem" (que perdeu o cabelo), o "cabelo", um "cabeleireiro" e um outro "homem".

O que poderia ter acontecido neste momento para que Iuri marcasse uma referência mais precisa e, em outros momentos, esta referência ficasse bastante ambígua? Apesar da rasura sobre "do" e o acréscimo de "de um" estabelecer uma certa precisão na referencialidade, diferenciando o "homem que perdeu o cabelo" do "outro homem", isto não garante uma definição sobre o que acontece com os personagens ao longo desta história. Talvez, esta ambigüidade e esta tensão seja efeito justamente da homonímia marcada pelo termo "homem" que faz referência tanto ao homem que perdeu o cabelo quanto ao homem que estava com o cabelo ou a um homem qualquer. Assim, o que parece ter ocorrido é que, no momento em que escreve o enunciado "Pulando na careca do [de um] homem"; Iuri escutou/estranhou esta homonímia e tentou marcar uma diferença. A imposição dos significantes presentes na cadeia manifesta parece impedir que se desfaça os pontos de tensão do texto, deixando o sujeito preso a eles e as suas possibilidades de emergência.

⁴ Ver a este respeito, Calil (1997).

À guisa de conclusão

Apesar do caráter exploratório deste estudo, a partir da análise feita, esperamos ter mostrado que os efeitos do retorno da criança ao texto são imprevisíveis porque “escrever supõe, antes de mais nada, estar ‘alienado’ a um funcionamento” (Faria, 1997, p. 75). A qualquer ponto da cadeia um corte pode ser operado sem que, no entanto, o sujeito tenha um controle sobre isso. Efeito da língua e do seu funcionamento o sujeito é “içado” para lugares de significação onde se movimenta/relaciona com uma língua que se impõe.

É essa alienação que permitiu a Iuri, quando do retorno ao texto, estranhar/escutar, em alguns momentos, sua própria escrita. Assim, é preciso reconhecer que a relação dos significantes, se cruzando na cadeia através de efeitos metaforonímicos é constitutiva do processo de criação de textos. Evidentemente, compreender melhor este processo ainda se faz necessário.

Considerando isto, acreditamos que a discussão dos “textos inventados” indica que não podemos supor um sujeito consciente que tem uma idéia e, a partir desta, produz um texto. Entretanto, quando observamos a prática de produção de textos em sala de aula, vemos que uma de suas propostas é aquela em que se pede para o aluno criar ou inventar uma história ou, ainda, que usando sua imaginação escreva um texto. Independente de qual desses enunciados seja usado, a nosso ver, uma só concepção permeia toda esta prática, qual seja, a de um sujeito que, conscientemente, dominando a linguagem, a partir das idéias que vão “aflorando a mente”, irá “inventar” a sua história.

Mas, afinal o que é inventar, quando, na prática de produção de texto, como vimos observando, o sujeito parece ser, muito mais, “inventado” pelos textos/significantes que o atravessam? Esta questão nos remete a uma reflexão mais ampla que trate da autoria, dos meandros da relação sujeito-linguagem e do papel do outro nesta relação. Isto, entretanto, fica para ser discutido em uma outra oportunidade.

Referências bibliográficas

- CALIL, Eduardo. Autoria – (E)feito de relações inconclusas [um estudo de práticas de textualização na escola]. Campinas: IEL/Unicamp. Tese de Doutorado. 1995.
- . *Autoria como movimento de escuta*. Texto apresentado no XI Congresso de leitura do Brasil. Campinas, 1997. (mimeo)
- FARIA, Núbia Rabelo Bakker. *Nas letras das canções, a relação oralidade-escrita*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas. Dissertação de Mestrado. 1997.
- LEMOS, Cláudia Tereza Guimarães de. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, v. 1, n. 1, p. 121-135, 1992.
- . Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, v. 30, n. 4, p. 9-28, 1995.
- . *Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna*. 1997. (mimeo).
- LEMOS, Maria Tereza Guimarães de. *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem*. Campinas: IEL/Unicamp. Tese de Doutorado. 1994.